

Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Casa de
Oswaldo Cruz

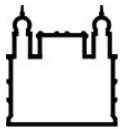
CASA DE OSWALDO CRUZ
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

**LEVANTAMENTO HISTÓRICO SOBRE VESTÍGIOS DO SÉCULO XIX E XX
NO SÍTIO DO FUTURO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DA HISTÓRIA DA
SAÚDE DA COC**

RELATÓRIO DE PESQUISA

Inês El-Jaick Andrade (Org.)

Rio de Janeiro
AGOSTO/ 2010



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Casa de
Oswaldo Cruz

PESQUISADORA:

Inês El-Jaick Andrade

INSTITUIÇÃO:

Fundação Oswaldo Cruz

DEPARTAMENTO/UNIDADE:

Departamento de Patrimônio Histórico – Casa de Oswaldo Cruz

ENDEREÇO:

Avenida Brasil, 4365 – Pavilhão Mourisco, térreo, sala 01 - Manguinhos, Rio de Janeiro - CEP: 21040-360

RELATÓRIO:

Relatório final de pesquisa - agosto de 2010

Ficha catalográfica

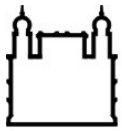
ANDRADE, Inês El-Jaick.

Levantamento histórico sobre vestígios do século XIX e XX no sítio do futuro Centro de Documentação da História da Saúde da COC/ Inês El-Jaick Andrade -- Rio de Janeiro, 2010.

13f.

Relatório Final. Departamento de Patrimônio Histórico - Casa de Oswaldo Cruz - Fundação Oswaldo Cruz.

1. Arqueologia 2. Arquitetura da saúde 3. Manguinhos
I. Título



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



Casa de
Oswaldo Cruz

Objetivo

Este levantamento preliminar tem o objetivo de responder a demanda imediata (01/06) solicitada pela coordenação do Serviço de Conservação e Restauração sobre o potencial arqueológico no sítio do futuro Centro de Documentação da História da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz (COC) no *campus* Manguinhos. A investigação visa auxiliar na previsão de problemas antes do início do serviço de execução preliminar do Centro de Documentação da História da Saúde da COC.

Para o desenvolvimento do levantamento foram consultadas fontes textuais e fontes iconográficas, bem como realizado estudo comparativo, baseado na análise fotográfica histórica e na situação atual do sítio. As descrições, fotografias e mapas coletados permitiram traçar a evolução do sítio e determinar a provável localização dos vestígios arquitetônicos da chaminé e do depósito do incinerador. A identificação das estruturas arquitetônicas pré-existentes, anteriores à construção do Instituto Soroterápico de 1900, e com vestígios materiais ainda visíveis foram essenciais nesse estudo.

Levantamento

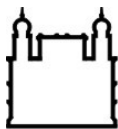
O atual *campus* Fiocruz Manguinhos tem sua origem no sítio histórico da antiga Fazenda de Manguinhos. A propriedade estava localizada no subúrbio da cidade, na antiga freguesia de Ilhaúma. No final do século XIX a freguesia de Ilhaúma era “*a mais importante freguesia rural do Rio de Janeiro*” (BECHIMOL, 1990:91). Isso se deve a atividade comercial que dispunha de uma regularidade na produção de algumas manufaturas de couro e de barro e ao cultivo de lavouras - de arroz, milho, feijão, batata, legumes e frutas variadas.

Em 1892, a fazenda foi desapropriada pelo Governo Federal para que a Prefeitura instalasse fornos destinados à cremação do lixo urbano produzido na cidade do Rio de Janeiro. Alguns anos mais tarde, o local foi escolhido para a instalação do Instituto Soroterápico Federal por ser distante do centro da cidade. O instituto foi criado com a finalidade de produzir soros e vacinas específicas para o saneamento dos portos de Santos e do Rio de Janeiro. Em poucos anos, esse instituto se transformaria no Instituto Oswaldo Cruz e, logo, na maior instituição de medicina experimental da América Latina.

A Fazenda de Manguinhos, com cerca de 3.500 metros quadrados (DIAS, 1918:8), foi uma próspera unidade produtora de café durante a primeira metade do século XIX. Foi originalmente desmembrada de uma grande propriedade dos jesuítas, provavelmente incorporada ao Engenho da Pedra no final do século XVIII (BENCHIMOL; SOARES; ROCHA; PEREIRA; SANTOS, 1988). Em 1892, a fazenda se encontrava “*já em completo estado de abandono*” (OLIVEIRA; COSTA; PESSOA, 2003:27).

A aquisição do terreno para a Prefeitura foi motivada pela necessidade da construção de baterias de fornos de incineração do lixo da cidade (PEREIRA, 1896). O objetivo era solucionar o problema de saúde pública, através da incineração total e completa do lixo em grandes fornos, que não necessitassem de catagem prévia e que atendessem as condições higiênicas e climáticas. O modelo de sistema escolhido dos engenheiros Carlos Arno Gierth e Lourenço Fieschi Lavagnino, por concorrência pública em 1887, foi julgado superior pela Inspetoria Geral de Higiene.

A municipalidade acudindo a matéria tantas vezes debatida sobre o destino a dar-se aos detritos produzidos nesta cidade e que de forma alguma devem continuar a ser lançados na Ilha da Sapucaia [ilha incorporada a atual Ilha do Fundão], por indicação do Sr. Ministro do interior, aceitou o sistema de



incineração completa do lixo, aconselhado pela Inspectoria de Hygiene Pública e adaptou os modelos de altos fornos dos engenheiros Gierth e Lavagnino, escolhidos pela mesma em concorrência pública em 1887 e reputados os mais perfeitos pelo Instituto Politechnico em 1889 (PEREIRA, 1896).

Até então, a descarga do lixo proveniente da limpeza, pública e particular, era feita nos pontos de “vasadouro”¹ do litoral. O material lançado ao mar era variado e não se restringia a entulhos, mas também a corpos e carcaças de animais mortos. O descarte era trazido pelas carroças da superintendência municipal e de particulares. As carroças circulavam pela cidade recolhendo o lixo e podiam ser puxadas por tração animal ou humana. Além da Ilha da Sapucaí, na cidade também existiam outras estações de descarte, também chamadas de “mini estações” (AMARAL; SILVA, 1906), controladas pela municipalidade: a estação da Central, a estação de Botafogo, a estação de São Cristóvão, a estação do Engenho Novo, a estação da Fábrica das Chitas e a estação da Lagoa Rodrigo de Freitas.

O privilégio do sistema de remoção, transporte e a incineração de lixo no Rio de Janeiro foi adquirido pela administração municipal, conforme o contrato assinado de 19 de setembro de 1892. Com o contrato firmado, a municipalidade pode iniciar a contratação da firma Gierth & Lavagnino, dos engenheiros Carlos Arno Gierth e Lourenço Fieschi Lavagnino, que se comprometeram a executar uma bateria de fornos, com capacidade de incinerar 200 toneladas de lixo por dia, conforme os planos aprovados e sob a fiscalização da Diretoria Geral de Obras e Viação (PEREIRA, 1896). Inicialmente, nos planos previamente aprovados, o projeto tinha sido elaborado para um terreno imaginário - que seria nivelado, perfeitamente estanque e resistente - e onde pudesse ser inscrito um retângulo de 3 hectares de superfície com dimensões de 2:1. O transporte deveria ser realizado por carroças que lançariam diretamente seu conteúdo nos fornos ou ainda com o auxílio de uma linha funicular².

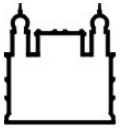
O processo de busca e aquisição de terreno durou de dezembro de 1892 até princípios de 1894. Em 12 de novembro de 1892 foi desapropriada pela Prefeitura a Fazenda de Manguinhos, de propriedade de D. Alexandrina Rosa de Carvalho, em Inhaúma. A propriedade tinha sido vendida à antiga proprietária por Luiz Joaquim Estrada Meyer, em 20 de novembro de 1855. De acordo com os autos da desapropriação (AMARAL; SILVA, 1906), o terreno que constituía a fazenda possuía 853.363 metros quadrados e uma extensão de 1.564,96 metros pela estrada para o porto de Inhaúma - medindo pelo lado do mar 1.339 metros e pelo lado de Manguinhos 1.115 metros.

Durante a pesquisa no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ), foram encontrados diversos documentos relacionados à limpeza pública urbana, em especial um conjunto de memorandos e correspondência relacionados ao contrato da Direção Técnica das Obras do Município (Prefeitura) com o escritório Gierth & Lavagnino para a construção de fornos de incineração de lixo. Nesses documentos é descrito o sistema de queima, apresentados orçamentos e identificadas as dificuldades durante a execução. Também foram localizados no acervo iconográfico do AGCRJ uma parte do jogo original de plantas dos fornos de incineração produzido pelos engenheiros. No entanto, entre os desenhos identificados não foi encontrada a planta de implantação do equipamento ou mesmo um levantamento do terreno.

Devido a necessidade de fazer adaptações ao projeto, devido o terreno escolhido, o projeto inicial sofre alterações. O projeto passa a ter uma bateria de dez fornos, divididos em vinte câmaras, com

¹ O termo significa “onde é vazado”.

² O funicular é um [carro de cabos](#) que circula sobre [carris](#) usado para o transporte – de pessoas ou/e de materiais. A linha funicular é normalmente constituída por dois carros puxados por um cabo de aço, um em cada extremo da linha.



capacidade de incinerar 150 toneladas de lixo por dia. O aquecimento das baterias passa a ser realizado por quatro caldeiras, ao invés de oito.

Em 18 de maio de 1894, os engenheiros da firma contratada encaminham a Prefeitura correspondência sobre a avaliação do sítio, após visita ao local:

Do exame da dita localidade pareceu resultar como local mais apropriado para a construção da bateria a extensão depressão de terreno que fica entre as duas casas maiores ali existentes. Há para este ponto fácil acesso da Ponta das Mariquitas onde parece existir boa pedreira, suficiente para suprir a pedra necessária para as fundações e onde deverá ser estabelecida uma ponte provisória para dar acesso as embarcações que terão que carregar materiais por via marítima, sendo ainda assim mesmo só possível a atracação com auxílio da maré. Será também aquele local o mais conveniente para o ligar de um lado com a E. de Ferro do Rio S'Ouro e do outro com o Porto de Inhaúma, que dele dista pouco mais de um quilometro. Por estes dois caminhos, um terrestre e outro marítimo, se deverá efetuar naturalmente no futuro o transporte do lixo que virá a ser incinerado nesta bateria (GIERTH; LAVAGUINO, 18/05/1894).



As casas e o atracadouro (ponte provisória) pré-existent. A primeira edificação, de dimensões menores, ficava na colina oposta ao mar e serviu como residência para os trabalhadores dos fornos. A segunda, de maiores dimensões e considerado o prédio principal da fazenda, sofreu adaptações para abrigar o Instituto Soroterápico.

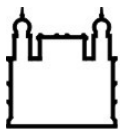
Na época de aquisição do terreno pela Prefeitura (1892), existiam, então, duas casas da época da fazenda. O doutor Ezequiel Dias (1918) faz a descrição dessas duas edificações, detendo-se no prédio principal, que localizava-se no maciço que foi implantado o Instituto Soroterápico:

O prédio principal da fazenda era do tipo das nossas antigas habitações campestres: nenhuma preocupação de arquitetura; nem o mais simples dos ornatos; mostrava singelamente o seu beiral com as velhas telhas portuguesas debruçadas no topo das varandas. Contudo, era uma casa risonha, com suas trepadeiras floridas, o seu jardimzinho humilde e alegre, e tudo isso cheio da mesma poesia que envolve o lar das fazendas patricias.

Outra habitação do mesmo tipo, mas bem menor do que a primeira, ficava, e ainda hoje se pode ver, em uma colina oposta voltada para o mar.

Ambos os prédios foram construídos para residência do pessoal dos fornos (DIAS, 1918:9).

Nos documentos analisados no AGCRJ, os engenheiros indicam a necessidade de reforma das edificações existentes e da construção de galpões para a execução dos serviços. Assim, no início dos trabalhos da construção dos fornos, foram realizados serviços de adaptação pela Prefeitura -



uma para escritório e almoxarifado e outra para residência do pessoal superior (AMARAL; SILVA, 1906). Segundo relatório de fiscal da municipalidade do final do século XIX: "Para a morada do pessoal operário existe no local um vasto barracão que, cobrindo a área de 359m² foi construído em boas condições higiênicas e em ponto alto e muito ventilado" (PEREIRA, 1896).

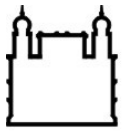


Planta da Fazenda de Manguinhos de 1903. Observa-se a localização das benfeitorias pré-existent, inclusive os fornos de incineração e a chaminé. Fonte: Arquivo DAD/COC/Fiocruz.

Até o início do século XX, realizaram-se as seguintes construções, totalizando uma área de 461m²: barracão para morada do pessoal operário; dois barracões para carruagens; dois ditos depósitos de ferramentas; galpão para oficina de carpintaria e cozinha do pessoal operário; e barracão para lazareto de isolamento. Também foram construídos: galpão para estrebaria (57m²), galpão para a ferraria (99m²), casa de máquinas (171m²), ponte de atracação de madeira³, com molhe de pedra e guindaste giratório, tendo a extensão total de 110m² e oficina anexa à casa de máquinas (107,25m²).

Ao final do prazo de dois anos (1896), estipulado no termo do contrato, as obras não estavam concluídas. A fim de não perder o investimento, novos prazos foram estipulados pela municipalidade aos contratados, mas estes não cumpriram o acordo. Através de despacho do prefeito, em 21 de fevereiro de 1899, os trabalhos foram suspensos oficialmente (AMARAL; SILVA, 1906; DIAS, 1918). Apesar de quase concluídos, os fornos ainda necessitavam de investimentos municipais. Em 21 de outubro de 1899 foram realizadas obras de adaptação pela Companhia Edificadora, devendo a bateria de fornos de incineração ser concluída administrativamente pela Diretoria de Obras (AMARAL; SILVA, 1906).

³ A ponte de atracação seria reformada em 1903 por Luiz Moraes. Em ocasião da inauguração do Prédio da Delegacia da Saúde (atual Expansão) em 1972, foi reforçada com a injeção de concreto e pavimentada em concreto. Posteriormente, foi aterrada.



Em 22 de agosto de 1899, o prefeito Cesário Alvim encarregou o Barão de Pedro Affonso (que estava desde 1884 à frente do Instituto Vacínico Municipal) de obter soros contra a peste bubônica e, logo, de idealizar a criação de um laboratório para a fabricação de soro anti-pestoso, ficando este anexado ao Instituto Vacínico Municipal (artigo nº 37 da lei orçamentária de 04/01/1899). Assim se inicia a procura por um novo local para fabricar o soro: “*Depois de percorrer as ilhas da Baía de Guanabara e a Quinta da Boavista, o Barão de Pedro Affonso escolheu Manguinhos, pelo seu isolamento dos centros populosos e por fácil comunicação por mar e terra*” (OLIVEIRA; COSTA; PESSOA, 2003:28). O Barão apresentou seu relato sobre a escolha do sítio no Jornal do Commercio, em 26 de fevereiro de 1915. Neste, informa que foi inicialmente cogitada a idéia de implantar o novo instituto junto ao laboratório militar, na Quinta da Boa Vista. Mas então, o Diretor de Obras da Municipalidade, o Sr. Dr. Luiz Van-Erven, convidou-o a visitar a fazenda de Manguinhos, onde ainda estavam em construção os fornos de incineração de lixo.

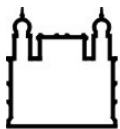
Ao tempo em que o Instituto a ocupou, dispunha, além dos fornos, de duas moradas rústicas, barracões de madeira, água encanada proveniente de uma grande caixa, esgotos e um pasto regular. Não havia o mínimo sinal de cultura. Era, todavia, um sítio aprazível com pequenos acidente de terrenos, orlando de tufos de uma vegetação litorânea que de longe lhe dá tanta graça: o mangue. Dai, segundo todas as probabilidades, o nome de Manguinhos. Oswaldo Cruz tomá-ra-se logo de encantos pela fazenda que talvez pouco valesse aos olhos de qualquer agricultor (DIAS, 1918:8).

Em 1908 o engenheiro Alencar Araripe, fiscal de obras da municipalidade, visitou as obras para emitir parecer quanto à funcionalidade dos fornos. Em carta a comissão de obras, em 1908, o fiscal relata os serviços que faltam para concluir a obra:

[...] revestir de concreto a plataforma, instalar as tremonhas de despejo; colocar as caldeiras em seus lugares e revesti-las; prolongar respectivos canaletes até a chaminé; [...] aptar os fornos os acessórios diversos, [...] tivos dos registros, aparelhos de alimentação d’água, válvula de segurança, iluminação [...] completar as vias de acesso deixar o mar até a plataforma de despejo nos fornos e seus compartimentos (ARARIPE, 24/05/1908).

Por fim, considera que, apesar da construção aparentar solidez, só poderia ter certeza do funcionamento dos fornos após sua conclusão.

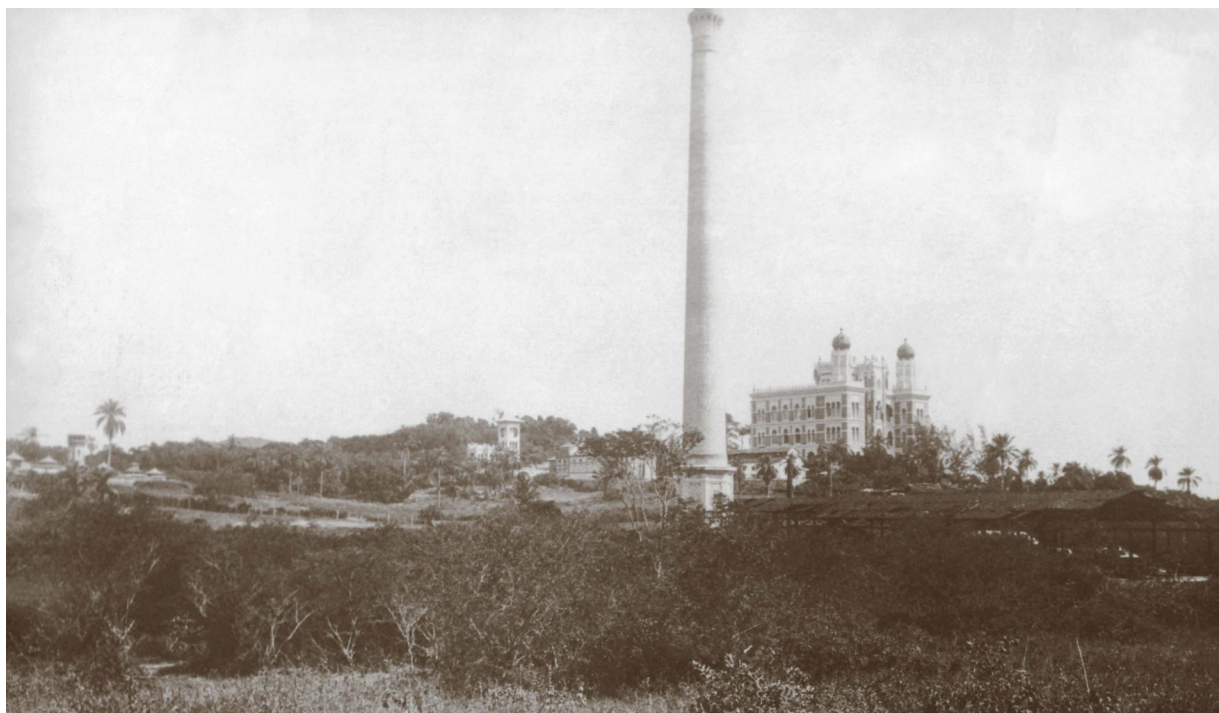
Com o cancelamento e o processo de desativação dos fornos de incineração, seu desmonte completo ocorre em 1919. Durante muitos anos a chaminé de 75 metros (DIAS, 1918) permaneceria na área do Instituto. Sua demolição ocorreu da entre 1939 e 1940 (ARAGÃO, 1950), sob a alegação de que causavam “[...] *embaraços que causava à descida dos aviões, no campo de aviação do Aero-Clube do Brasil*” (OLIVEIRA; COSTA; PESSOA, 2003:104).



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



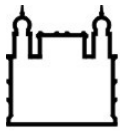
Casa de
Oswaldo Cruz



Panorama do campus na segunda década do século XX. Nota-se em primeiro plano os fornos de incineração e a chaminé.



Fotografia de 1922. Observa-se a extensão das ruínas dos fornos de incineração, desmontado em 1919.

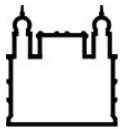


Fotografia da década de 1930. Destaca-se a permanência do conjunto do século XIX, juntamente a construção da estrebaria e do depósito (atual Banco do Brasil).

Antigamente, quem quer que demandasse as plagas de Manguinhos, em vez de extrair-se contemplando o monumento que é hoje o Instituto Oswaldo Cruz, tinha para logo a atenção voltada para uma chaminé descomunal, obra firme e bem acabada, de 75 metros de altura. Era a chaminé dos fornos de incineração do lixo, a qual, ainda hoje, ahi se vê erecta, virgem e abandonada, ao pé do palácio mourisco, que ela via nascer (DIAS, 1918:10).



Fotografia da década de 1930. Novamente observa-se a permanência do conjunto do século XIX no primeiro plano – galpão, chaminé e depósito do incinerador -, seguida pelas edificações construídas na década de 1930 - estrebaria e o depósito (atual Banco do Brasil).



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Casa de
Oswaldo Cruz



Fotografia de ca. 1940. Nota-se a ausência da chaminé e a presença da edificação da garagem. São identificadas, ainda, duas pré-existências da fazenda: o depósito (com aparente expansão) e o galpão (Espaço de exposição do Museu da Vida).

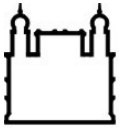
Estudo comparativo

A partir da fotografia da planta de 1903 que consta no Arquivo do DAD/COC/Fiocruz foi preparada uma sobreposição, desta, com a planta topográfica atual do campus da Fiocruz (DIRAC/Fiocruz, 2009).



Sobreposição da base de 1903 em planta de 2009. Destaque da área objeto de investigação.

Além da sobreposição das plantas, também foi realizada uma análise a partir do levantamento das edificações ainda contemporâneas à criação do Instituto Soroterápico em 1900. O estudo teve como base a análise de mapas da evolução do sítio, em especial a planta de ca.1970, e as visitas ao local para identificar os locais das pré-existências .



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



Casa de
Oswaldo Cruz



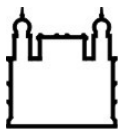
O espaço de exposições do Museu da Vida é uma pré-existência.



Ainda hoje é possível identificar no local vestígios (alicerces) da edificação que funcionou como depósito.



A análise espacial do terreno indica que ocorreu uma grande movimentação de terra neste local, que é compatível com a estrutura da chaminé. Suas fundações devem ter permanecido, abaixo do solo.



Projeção da localização dos vestígios do complexo dos fornos de incineração e chaminé (vermelho) e do futuro do Centro de Documentação da História da Saúde da COC. (amarelo).

Considerações

Diante dos dados levantados é possível afirmar que, apesar dos sucessivos movimentos de terra e edificações construídas ao longo da segunda metade do século XX, o sítio possui um elevado potencial arqueológico. Este potencial é constituído por vestígios⁴ não só das primeiras décadas do Instituto Oswaldo Cruz, mas também de seu estágio anterior (século XIX), que permaneceu ligada à instituição pelo menos até as suas primeiras três décadas de funcionamento.

A projeção da localização dos vestígios indicou uma incompatibilidade com o projeto arquitetônico do Centro de Documentação da História da Saúde da COC. Diante disso, e considerando a inviabilidade do deslocamento do projeto para outro local do *campus*, sugere-se um redimensionamento da edificação para abrigar os vestígios da chaminé. Já o tratamento dado aos vestígios do depósito do incinerador, embora seja reconhecido o seu valor enquanto bem material e cultural, a sua preservação deve se restringir á documentação, isto é, através do levantamento físico-arquitetônico e o salvamento dos vestígios materiais significativos identificados por meio de pesquisa arqueológica.

Defende-se que a busca e a preservação dos vestígios da chaminé está fundamentada na conscientização da recuperação de um momento histórico esquecido, mas que ainda não está terminantemente perdido. Observa-se que este trabalho deverá ser complementado pelos

⁴ Entre os vestígios identificados das primeiras décadas do Instituto Oswaldo Cruz, destaca-se a estrebaria.

resultados do serviço de potencial arqueológico contratado pelo DPH/COC/Fiocruz, e em fase de apreciação pelo IPHAN. No entanto, uma contratação de nova pesquisa para o projeto arqueológico e o agenciamento dos vestígios deve ser considerada pela direção da COC. Recomenda-se, por fim, que seja previsto tal contratação antes da execução das fundações.

Bibliografia

- AMARAL, Alexandrino Freire do; SILVA, Ernesto dos Santos. **Consolidação das Leis e Posturas Municipais**: Segunda Parte – Legislação Distrital. Rio de Janeiro: 1906. v.2.
- ARAGÃO, Henrique. Notícia Histórica sobre a Fundação do Instituto Oswaldo Cruz (Instituto de Manguinhos). **Separata das Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**. Tomo 48, ano 1950. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950.
- BENCHIMOL, Jaime Larry (Coord.); SOARES, Sandra Branco; ROCHA, Oswaldo Porto; PEREIRA, Andrea Nunes; SANTOS, Fernando Sergio Dumas. **Manguinhos**: um retrato de corpo inteiro. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz; 1988. 677 p.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. **Manguinhos do sonho à vida**: a ciência da belle époque. RJ: COC/FIOCRUZ, 1990.
- DIAS, Ezequiel. **O Instituto Oswaldo Cruz**: resumo histórico (1899-1918). Rio de Janeiro: Manguinhos, 1918.
- GIERTH, Carlos Arno; LAVAGNINO, Lourenço Fieschi. **Fornos de incineração de lixo**: proposta dos engenheiros Carlos Arno Gierth e Lourenço Fieschi Lavagnino para a construção de duas baterias de fornos. Rio de Janeiro: [s.n], 1891.
- OLIVEIRA, Benedito Tadeu de. (Coord.); COSTA, Renato da Gama-Rosa; PESSOA, Alexandre José de Souza. **Um lugar para a ciência**: a formação do campus de Manguinhos. RJ: Editora Fiocruz, 2003. (Coleção História e Saúde).
- PEREIRA, Damázio. **Relatório dos Trabalhos executados na Fazenda Manguinhos**: para a construção dos fornos de incineração, pelo engenheiro ajudante Damázio Pereira, fiscal de obras. Rio de Janeiro: Inspetoria Geral de Hygiene, 1896.

Acervos consultados

- Álbum fotográfico de Augusto Malta de 09/03/1917. Pasta 154, Limpeza Urbana. Acervo: Coleção Augusto Malta/ Museu da Imagem e do Som.
- Planta da Fazenda de Manguinhos 1903. Fundo IOC. Acervo: Iconografia/ DAD/COC/Fiocruz.
- Plantas de fornos de incineração de lixo – Gierth & Lavagnino. Código M3/G2/1A. Acervo: Iconografia/ Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Acervo: Iconografia/ Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.
- Plantas de fornos de incineração de lixo – Gierth & Lavagnino. Código M3/G2/1B. Acervo: Iconografia/ Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Acervo: Iconografia/ Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.
- Projeto urbano-paisagístico do *campus* Manguinhos. Iconografia. Código M4/G5/9. Acervo: Iconografia/ Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.